

personagem está justamente nas surpresas que ele pode trazer. O Olavo é contraditório: tem seu lado malandro, envolve-se em coisas erradas, mas também é humano, vulnerável e capaz de sentimentos reais. Não sei se ele acredita no amor, mas pelo que percebo na relação com a Celina, ele sente um sentimento genuíno. Eu acredito nisso.”

Para o ator, essa tensão entre a malandragem e a possibilidade de um afeto real é o que torna o personagem tão interessante e imprevisível. E o público, como reage? Ricardo sorri ao lembrar das abordagens nas ruas. “O Olavinho caiu no gosto popular, porque acho que todo mundo tem um amigo assim ou se identifica com ele em algum lugar — seja na maneira leve de levar a vida, seja nessa busca pela grana, que é algo que a maioria dos brasileiros conhece bem. As pessoas me param na rua pra comentar as cenas, rir das situações dele ou até se irritar com algumas escolhas. Esse mix é ótimo, porque mostra que o personagem mexe com as emoções e que conseguiu se tornar vivo para o público”, defende o ator de 37 anos.

“Sou muito grato à autora Manuela Dias por ter acreditado no meu trabalho e no potencial do Olavo, e também ao diretor artístico Paulo Silvestrini. A parceria em cena com a Malu Galli, a Bella Campos e o Cauã Reymond também foi essencial”, resalta Ricardo, mencionando os intérpretes dos protagonistas Maria de Fátima e César, com quem acabou formando um triângulo fixo no remake.

Se o futuro televisivo ainda se desenha, o cinema e o streaming já se encarregaram de abrir novas portas. Na Netflix, estreou recentemente *Pssica*, série em que também atua. No Festival do Rio, dois filmes ampliam seu repertório: *Cyclone*, de Flávia Castro, e *Salve Rosa*, de Susanna Lira, que estreia nos cinemas em 23 de outubro. Projetos não faltam, mas Ricardo prefere manter o mistério. “Temos coisas boas e desafiadoras em vista. Estou muito animado para continuar explorando diferentes registros como ator.”

Do chão de terra do garimpo às luzes de Cannes, das ruas populares à sala de estar dos brasileiros, Ricardo Teodoro construiu um percurso marcado pela paciência e pela intensidade. O diamante bruto que São José da Safira lhe deu um dia se lapida, agora, diante das câmeras — sem perder a memória da poeira de onde veio, tão vermelha quanto os tapetes que começou a pisar.



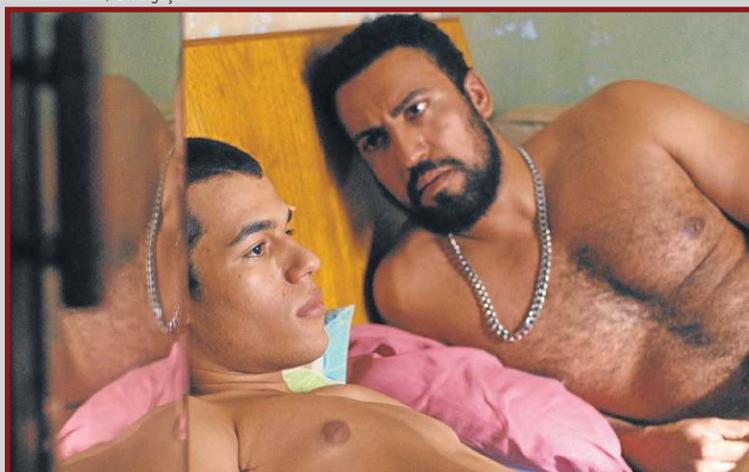
O grande “parça” do gigolô César (Cauã Reymond) em *Vale tudo*

Divulgação



Com Fátima Macedo em *Pssica*, sucesso nacional da Netflix

Primeiro Plano/ Divulgação



No Prêmio Grande Otelo 2025, o sexto pela atuação no filme *Baby*

Com João Pedro Mariano, em cena do longa premiado

Soraya Ursine



Com o diretor Marcelo Caetano e o colega João Pedro Mariano, no Festival de Cannes 2024